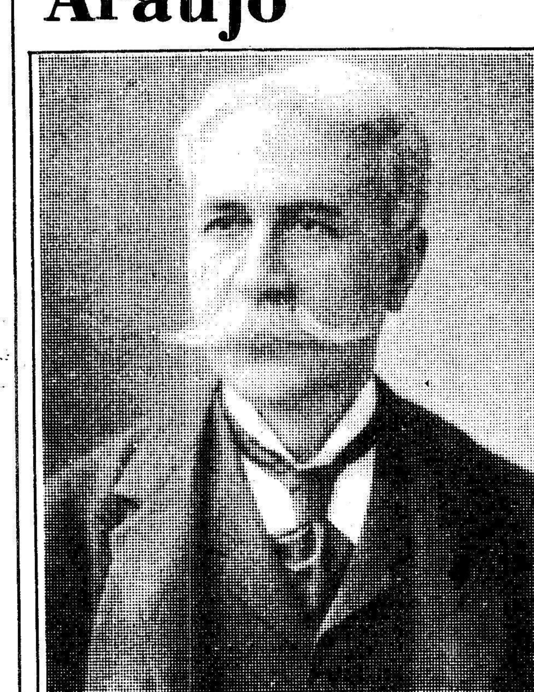
CORREIO BRAZILIENSE
Domingo, 2 de abril de 1978

A tão citada crônica de Machado de Assis, outra do poeta e jornalista Ribeiro Couto, e um trecho do livro de Joaquim Nabuco sobre seu pai, contando a entrada para o Senado através de processo indireto, aliás de escolha direta pelo imperador: três visões da Câmara Alta, no momento em que se discute a validade da eleição indireta de parte de seus membros.

COISAS DO PASSADO

Biônico é lógico

Uma eleição indireta: Nabuco de Araújo



No fim de 1857 há uma eleição senatorial na Bahia. Nabuco tinha a seu favor diversas circunstâncias: estava no ministério, como diretor político da Bahia, um homem que sempre tivera para com ele singular deferência, Saraiva, e na presidência, o seu amigo de infância, Sinimbu, cuja eleição senatorial ele também patrocinara. Em 6 de agosto ele escreve a Sinimbu: "Disse-te uma vez que a minha maior ambição seria a de representar essa província no Senado brasileiro; nenhuma ambição porém tenho tido até agora e quero ter contra o justo e o honesto. Será isto possível? Dá-me um conselho. Se o Madureira se apresentar, decididamente desisto da minha pretensão. O Martins me guerreia por causa do Zacarias. O Wanderley promete-me apoio, se o Madureira desistir a meu favor". Madureira não seria escolhido em competição com Zacarias; sua amizade por Nabuco levou-o a abrir mão de uma candidatura que para o futuro lhe teria sido contada, se ele vivesse. Ele é o tipo desses amigos que os homens políticos sempre encontram, esquecidos de si, quando se trata da elevação daqueles a quem se dedicam. A candidatura de Nabuco foi mal recebida pelo grupo que queria eleger Zacarias, porque só Nabuco podia competir com ele. A Wanderley ele escreve: "Que hei de fazer? Jacta est alea; digo, porém, estas palavras com o peito gelado e o ânimo tomado das mesmas apreensões que me revelas". Em outubro seus receios aumentam. Tem, porém, na província um grupo de homens novos; que o sustentam com todas as forças. A Dantas ele escreve então: "A sua carta foi uma consolação que tive contra a funesta profecia do Saraiva, que ontem me disse que a minha candidatura estava perdida e era improvável". "Lá foi o Zacarias", escreve ele ao mesmo amigo em dezembro, "com a intenção que revelou de meter-se na lista, excluir-me". Madureira esforça-se como se a eleição fosse dele. Afinal vem o resultado: Nabuco entra em terceiro lugar na lista, com 963 votos, tendo Salustiano Souto, abaixo dele, 943. Era uma vitória por vinte votos, sinal evidente do perigo que correra. Esse resultado Nabuco devia-o sobretudo a Casimiro Madureira, seu amigo de sempre, contra o qual também ele não se teria apresentado. "A ti", escrevia-lhe Nabuco, "devo principalmente este benefício aos teus esforços incessantes, à tua atividade, dedicação e influência". Além de Madureira, ele acreditava dever a eleição a Saraiva, Cansanção de Sinimbu, Dantas e Pinto Lima, ao arcebispo (dom Romualdo), a seu companheiro de Olinda, Luís Maria, a Pires Brandão, a Leão Veloso, redator do **Diário da Bahia**, João José Barbosa de Oliveira, a Pedro Moniz, Landulfo Medrado, Barbosa de Almeida, Justiniano Madureira. Ainda depois da eleição há uma tentativa para manipular a lista tríplice. O governo remete a eleição da Bahia ao Conselho de Estado, escreve Nabuco a Souza Franco, ministro da Fazenda, "para ver se consegue outra lista que me exclua". Nabuco recorre ao marquês de Monte Alegre, pede-lhe apoio contra o marquês de Olinda, "indisposto comigo", diz ele, "desde o ministério Paraná". Depois vem a ansiedade pela escolha. Nabuco mostra confiar, e em 25 de abril (1858) escreve a Madureira: "Tenho muita confiança no Imperador que, justo como é, deve apreciar os serviços importantes que lhe prestei e a abnegação com que, sendo ministro, deixei de apresentar-me candidato nas dez vagas de senador que houve no meu tempo". Ele estava em terceiro lugar e no primeiro vinha Zacarias, que fora ministro antes dele. A escolha, entretanto, não se fez esperar. Em 28 de maio o Imperador pronunciava-se a favor de Nabuco.

Tinha ele perto de quarenta e cinco anos. Entrava para o Senado cinco anos mais tarde do que poderia ter entrado, se não fosse o seu desejo de se conformar à boa prática que o Imperador desde então encarecia de não se apresentarem os ministros por províncias estranhas, e se não fosse também seu respeito ao direito e à justa expectativa de outros; entrava, porém, com mais força, porque entrava para a representação vitalícia de sua província natal. Na vida do homem político, a escolha senatorial era outrora o fato principal; era a independência, a autoridade, a posição permanente e entrada para a pequena aristocracia dominante". "Poucas eleições há", escrevia-lhe Wanderley, "que sejam tão honrosas quanto a tua". E Camaragibe: "A nossa deputação perdeu um dos seus ornamentos, a província ganhou, como parte do Império, vendo no Senado, com assento vitalício, o seu antigo representante". Pernambuco tinha eleito um de seus candidatos por outra província. "Estamos todos", acrescentava, "com os olhos fitos no Rio de Janeiro, e eu procurando decifrar o enigma da conciliação e cada vez o entendendo menos".

De "Um estadista do Império", 1897.

Joaquim Nabuco

O VELHO SENADO

Machado de Assis

A PROPÓSITO de algumas litografias de Sisson, tive há dias uma visão do Senado de 1860. Visões valem o mesmo que a retina em que se operam. Um político, tornando a ver aquele corpo, acharia, nele a mesta alma dos seus correligionários extintos, e um historiador colheria elementos para a história. Um simples curioso não descobre mais que o pitoresco do tempo e a expressão das linhas com aquele tom geral que dão às cousas mortas e enterradas.

Nesse ano entrara eu para a imprensa. Uma noite, como saíssemos do Teatro Ginásio, Quintino Bocaiúva e eu fomos tomar chá. Bocaiúva é então uma gentil figura de rapaz, delgado, tez macia, fino bigode e olhos serenos. Já então tinha os gestos lentos de hoje, e um pouco daquele *distant* que Taine achou em Mérimée. Disseram cousa análoga de Chamel - Lacour, que alguém ultimamente definia como *três républicain conviction et três aristocrate de temperament*. O nosso Bocaiúva era a segunda parte, mas já então liberal bastante para dar um republicano convicto. Ao chá, conversamos primeiramente de letras, e pouco depois de política, matéria introduzida por ele, o que me espantou bastante não era usual nas nossas práticas. Nem é exato dizer que conversamos de política, eu antes respondia às perguntas que Bocaiúva me ia fazendo como se quisesse conhecer as minhas opiniões. Provavelmente não teria fixas nem determinadas; mas, quaisquer me fôssem, creio que exprimi na proporção e com a precisão apenas adequadas ao que ele me ia oferecer. De fato, separamo-nos com prazo dado para o dia seguinte, na loja de Paula Brito, que era na antiga Praça da Constituição, lado do Teatro S. Pedro, a meio caminho das Ruas do Cano e dos Ciganos. Relevai esta nomenclatura morta; é vício de memória velha. Na manhã seguinte, achei ali Bocaiúva escrevendo um bilhete. Tratava-se do Diário do Rio de Janeiro, que ia reaparecer sob a direção política de Saldanha Marinho. Vinha dar-me um lugar na redação com ele e Henrique César Múzio.

Estas minudências, agradáveis de escrever, sê-lo-ão menos de ler. É difícil fugir a elas, quando se recordam cousas idas. Assim, dizendo que no mesmo ano, abertas as câmaras, fui para o Senado, como redator do *Diário do Rio de Janeiro*, não posso esquecer que nesse ou no outro ali estiveram comigo, Bernardo Guimarães, representante do Jornal do Comércio, Pedro Luís, por parte do Correio Mercantil, nem as boas horas que vivemos os três. Posto que Bernardo Guimarães fôsse mais velho que nós partíamos irmãmente o pão da intimidade. Desciamos juntos aquela Praça da Aclamação, que não era então o parque de hoje, mas um vasto espaço inculto e vazio como o Campo de S. Cristovão. Algumas vezes íamos jantar a um *restaurant* da Rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias, nome êste que se lhe deu por indicação justamente do *Diário do Rio*; o poeta morava ali outrora, e foi Múzio, seu amigo, que pela nossa folha o pediu à Câmara Municipal. Pedro Luís não tinha só a paixão que pôs nos belos versos à Polônia e no discurso com que, pouco depois, entrou na Câmara dos Deputados, mas ainda a graça o sarcasmo, a observação fina e aquele largo riso em que os grandes olhos se faziam maiores Bernardo Guimarães não falava nem ria tanto, incumbia-se de pontuar o diálogo com um bom dito, um reparo, uma anedota. O Senado não prestava menos que o resto do mundo à conversação dos três amigos.

Poucos membros restarão da velha casa. Paranaguá e Sinimbu carregam o pêso dos anos com muita facilidade e graça, o que ainda mais admira em Sinimbu, que suponho mais idoso. Ouvi falar a este bastantes, vezes não apaixonava o debate, mas era simples, claro, interessante, e fisicamente, não perdia a linha. Esta geração conhece a firmeza daquele homem político, que mais tarde foi presidente do Conselho e teve de lutar com oposições grandes. Um incidente dos últimos anos mostrará bem a natureza dele. Saindo da Câmara dos Deputados para a Secretaria da Agricultura, com o visconde de Ouro Prêto, colega de gabinete, eram seguidos por enorme multidão de gente em assuada. O carrro parou em frente à secretaria, os dois apearam-se e pararam alguns instantes, voltados para a multidão, que continuava a bradar e apupar, e então vi bem a diferença dos dois temperamentos. Ouro Prêto fitava-a com a cabeça erguida e certo gesto, de repto; Sinimbu parecia apenas mostrar ao colega em trecho de muro, indiferente. Tal era o homem que conheci no Senado.

Para avaliar bem a minha impressão diante daqueles homens que eu via ali juntos, todos os dias, é preciso não esquecer que não poucos eram contemporâneos da maioridade, algum da Regência, do Primeiro Reinado e da Constituinte. Tinham feito ou visto fazer a história dos tempos iniciais do regimen, e eu era um adolescente espantado e curioso. Achava-lhes uma feição particular, metade militante, metade triunfante, um pouco de homens, outro pouco de instituição. Paralelamente, iam-me, lembrando os apodos e chufas que a paixão política desferira contra alguns deles, e sentia que as figuras serenas e respeitáveis que ali estavam agora naquelas cadeiras estreitas não tiveram outrora o respeito dos outros, nem provavelmente a serenidade própria. E tirava-lhes as cãs e as rugas, e fazia-os outra vez moços, árdegos e agitados. Comecei a aprender a parte do presente há que no passado, e vice-versa. Trazia comigo a *aligarquia, o golpe de Estado* de 1848, e outras notas da política em oposição ao domínio conservador, e ao ver os cabos deste partido, risonhos, familiares gracejando entre si e com os outros, tomando juntos, café e rapé, perguntava a mim mesmo se eram eles que podiam fazer, desfazer e refazer os elementos e governar com mão de ferro este país.

Os senadores compareciam regularmente ao trabalho. Era raro não haver sessão por falta de quorum. Uma particularidade do tempo é que muitos vinham em carruagem própria, como Zacarias, Monte Alegre, Abrantes, Caxias, e outros, começando pelo mais velho, que era o marquês de Itanhaém. A idade deste fazia - o menos assíduo, mas ainda assim era - o mais do que cabia esperar dele. Mal se podia apear do carro, e subir as escadas; arrastava os pés até à cadeira, que ficava do lado direito da mesa. Era sêco e mirrado, usava cabeleira e trazia óculos fortes. Nas cerimônias de abertura e encerramento agravava o aspecto com a farda de senador. Se usasse barba, poderia disfarçar o chupado e engelhado dos tecidos, a cara rapada acentuava-lhe a decrepitude; mas a cara rapada era o costume de outra quadra, que ainda existia na maioria do Senado. Uns, como Nabuco e Zacarias, traziam a barba toda feita; outros deixavam, pequenas suíças, como Abrantes, e Paranhos, ou, como Olinda e Eusébio, a barba em forma de colar; raros usavam bigodes, como Caxias e Montezuma, - um Montezuma de segunda maneira.

A figura de Itanhaém era uma razão visível contra a vitaliciedade do Senado, mas é também certo que a vitaliciedade dava àquela casa uma consciência de duração perpétua, que parecia ler-se no rosto e no trato de seus membros. Tinham um ar de família, que se dispersava durante a estação calmosa, para ir às águas e outras diversões, e que se reunia depois, em prazo certo, anos e anos. Alguns não tornavam mais, e outros novos apareciam; mas também nas famílias se morre e nasce. Dissentiam sempre, mas é próprio, das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar; parece até que é a melhor prova de estar dentro da humanidade. Já então se evocavam contra a vitaliciedade de Senado os princípios liberais como se fizera antes. Algumas vozes vibrantes cá fora, calavam-se lá dentro, é certo, mas o gérmen da reforma ia ficando, os programas o acolhiam, e, como em vários outros casos, os sucessos, o fizeram lei.

Nenhum tumulto nas sessões. A atenção era grande e constante. Geralmente as galerias não eram mui frequentadas, e, para o fim da hora poucos espectadores ficavam, alguns dormiam. Naturalmente, a discussão do voto de graças e outras chamavam mais gente. Nabuco e algum outro dos principais da casa gozavam do privilégio de atrair grande auditório quando se sabia que èles rompiam um debate ou respondiam a um discurso. Nessas ocasiões, mui excepcionalmente, eram admitidos ouvintes no próprio salão do Senado, como aliás era comum na Câmara temporária; como nesta, porém, os espectadores, não intervinham com aplausos nas discusões. A presidência de Abaeté redobrou a disciplina do regimento, porventura menos apertada no tempo da presidência de Cavalcanti.

Não faltavam oradores. Uma só vez ouvi falar a Eusébio de Queirós, e a impressão que me deixou foi viva; era fluente abundante, claro sem prejuízo do vigor e da energia. Não foi discurso de ataque, mas de defesa, falou na qualidade de chefe do Partido Conservador, ou *papo*; itaboraí, Uruguai, Saião Lobato e outros eram *cardeais*, e todos formavam o *consistório*, segundo a célebre definição de Otaviano no *Correio Mercantil*. Não reli o discurso, não teria agora tempo nem oportunidade de fazê-lo, mas estou que a impressão não haveria diminuído muito pôsto lhe falte o efeito da própria voz do orador, que seduzia. A matéria era sobremodo ingrata: tratava-se de explicar e defender o acúmulo dos cargos públicos, acusação feita na imprensa da oposição. Era a tarde da oligarquia, o crespúsculo do domínio conservador. As eleições de 1860, na capital, deram o primeiro golpe na situação; se também deram o último, não sei: os partidos nunca se entenderam bem acerca das causas imediatas da própria queda ou subida salvo no ponto de serem alternadamente, a violação ou a restauração da carta constitucional. Quaisquer que fôssem, então, a verdade é que as eleições da capital naquele ano podem ser contadas como uma vitória liberal. Elas trouxeram à minha imaginação adolescente uma visão rara e especial do poder das urnas. Não cabe inseri-la aqui; não direi o movimento geral e o calor sincero dos votantes, incitados pelos artigos da imprensa e pelos discursos de Teófilo Otôni, nem os lances, cenas e brados de tais dias. Não me esquecem a maior parte deles ainda guardo a impressão que me deu um obscuro votante que veio ter com Otôni, perto da matriz do Sacramento. Otôni não o conhecia, nem sei se o tornou a ver. Ele chegou-se-lhe e mostrou-lhe um maço de cédulas, que acabava de tirar às escondidas da algibeira de um agente contrário. O riso que acompanhou esta notícia nunca mais se me apagou da memória. No meio das mais ardentes reivindicações dêste mundo, alguma vez me despontou ao longe aquela boca sem nome, acaso verídica e honesta em tudo o mais da vida, que ali viera confessar candidamente, e sem outro prêmio pessoal, o fino roubo praticado. Não mofes desta insistência pueril da minha memória; eu a tempo advirto que as mais claras águas podem levar de enxurro alguma palha podre, - se é que é podre, se é que é mesmo palha.

Eusébio de Queirós era justamente respeitado dos seus e dos contrários. Não tinha a figura esbelta de um Paranhos, mas ligava-se-lhe uma história particular e célebre, dessas que a crônica social e política de outros países escolhe e examina, mas que os nossos costumes, - aliás demasiado soltos na palestra, - não consentem inserir no escrito. De resto, pouco valeria repetir agora o que se divulgava então, não podendo pôr aqui a própria e extremada beleza da pessoa que as ruas e salas desta cidade viram tantas vêzes. Era alta e robusta; não me ficaram outros pormenores.

O Senado contava raras sessões ardentes; muitas, porém, eram animadas. Zacarias fazia reviver o debate pelo sarcasmo e pela presteza e vigor dos golpes. Tinha a palavra cortante fina e rápida, com uns efeitos de sons guturais, que a tornavam mais penetrante e irritante. Quando ele se erguia, era quase certo que faria deitar sangue a alguém. Chegou até hoje a reputação de debater, como oposicionista, e como ministro o chefe de gabinete. Tinha audácias, como a da escolha "não acertada", que a nenhum outro acudiria, creio eu. Polìticamente era uma natureza sêca e sobranceira. Um livro que foi de seu uso, uma História de Clarendon (*History of the Rebellion and Civil Wars in England*), marcado em partes, a lápis, encarnado, tem uma sublinha nas seguintes palavras (vol. I página 44), atribuídas ao conde de Oxford, em resposta ao duque de Buckingham, "que não buscava a sua amizade nem temia o seu ódio". É arriscado ver sentimentos pessoais nas simples notas ou lembranças postas em livros de estudo, mas aqui parece que o espírito de Zacarias achou o seu parceiro. Particularmente, ao contrário e desde que inclinasse a alguém, convidava fortemente a amá-lo; era lhano e simples, amigo e confiado. Pessoas que o frequentavam, dizem e afirmam, que sob as suas árvores da Rua do Conde ou entre os seus livros, era um gosto ouvi-lo e raro haverá esquecido a graça e a polidez dos seus obséquios. No Senado, sentava-se à esquerda da mesa, ao pé da janela, abaixo de Nabuco com quem trocava os seus reparos, e reflexões. Nabuco, outra das principais vozes do Senado, era especialmente orador para os debates solenes. Não tinha o sarcasmo agudo de Zacarias, nem o epigrama alegre de Cotegipe. Era então o centro dos conservadores moderados que, com Olinda e Zacarias, fundaram a liga e os partidos Progressista e Liberal. Joaquim Nabuco, com a eloquência de escritor político e a afeição de filho, dirá toda essa história no livro que está consagrando à memória de seu ilustre pai. A palavra do velho Nabuco era modelada pelos oradores da tribuna liberal francesa. A minha impressão é que preparava os seus discursos, e a maneira por que os proferia realçava-lhes a matéria e a forma sólida e brilhante. Gostava das imagens literárias; uma dessas, a comparação do poder moderador à estátua de Glauco, fez, então fortuna. O gesto não era vivo, como o de Zacarias, mas pousado, o busto cheio era tranquilo e a voz adquiria uma sonoridade que habitualmente não tinha.

Mas eis que todas as figuras se atropelam na evocação comum, as de grande pêso, como Uruguai, com as de pequeno ou nenhum pêso, como o padre Vasconcelos, senador creio que pela Paraíba, um bom homem que ali achei e morreu pouco depois. Outro, que se podia incluir nesta segunda categoria, era um de quem só me lembram duas circunstâncias, as longas barbas grisalhas, e sérias, e a cautela e pontualidade com que não voltava os artigos de uma lei sem ter os olhos pregados em Itaboraí. Era um modo de cumprir a fidelidade política e obedecer, ao chefe, que herdara o bastão de Eusébio. Como o recinto era pequeno, viam-se todos êsses gestos, e quase se ouviam todas as palavras particulares. E, conquanto fôsse assim pequeno, nunca vi rir, a Itaboraí, creio que os seus músculos dificilmente ririam - o contrário de S. Vicente que ria com facilidade um riso bom, mas que lhe não ia bem. Quaisquer que fôssem, porém, às deselegâncias físicas do senador por S. Paulo, e malgrado a palavra sem sonoridade, era ouvido com grande respeito, como Itaboraí. De Abrantes dizia-se que era um canário falando. Não sei até que ponto merece a definição; em verdade, achava-o fluente, acaso doce, e para um povo mavioso como o nosso, a qualidade era preciosa; nem por isso Abrante era popular. Também não o era Olinda, mas a autoridade deste sabe-se que era grande. Olinda aparecia-me envolvido na aurora remota do reinado, e na mais recente aurora liberal ou "situação nascente", mote de um dos chefes da liga, penso que Zacarias, que os conservadores glosaram por todos os feitios na tribuna, e na imprensa. Mas não deslizemos as reminiscências de outra ordem: figuemos na surdez de Olinda, que competia com Beethoven nesta qualidade, menos musical que política. Não seria tão surdo. Quando tinha de responder a alguém ia sentar-se ao pé do orador, e escutava atento, cara de mármore, sem dar um aparte, sem fazer um gesto, sem tomar uma nota. E a resposta vinha logo; tão depressa o adversário acabava, como ele principiava, e ao que me ficou lúcido e completo.

Um dia, vi ali aparecer um homem alto, suíças e bigodes brancos, e compridos. Era um dos remanescentes da Constituinte, nada menos que Montezuma, que voltava da Europa. Foi-me impossível reconhecer naqueda cara barbada a cara rapada que eu conhecia da litografia Sisson pessoalmente nunca o vira. Era, muito mais que Olinda, um tipo de velhice, robusta. Ao meu espírito de rapaz afigurava-se que ele trazia ainda os rumores e os gestos da assembléia de 1823. Era o mesmo homem mas foi preciso ouvi-lo agora para sentir toda a veemência dos seus ataques de outrora. Foi preciso ouvir-lhe a ironia, de hoje para entender a ironia daquela retificação que êle ao texto de uma pergunta o Ministro do Império na célebre sessão permanente de 11 a 12 de novembro. "Eu disse que o Sr. Ministro do Império, por estar ao lado de Sua Majestade, melhor conhecerá o "espírito da tropa", e um dos senhores secretários escreveu "O espírito de Sua Majestade", quando não disse tal, *porque deste não duvido eu*".

Agora o que eu mais ouvia dizer dele, além do talento, eram as suas infidelidades, e sobre isso corriam anedotas, mas, eu nada tenho com anedotas políticas. Que se não pudesse fiar muito em seus carinhos parlamentares, creio. Uma vez por exemplo encheu a alma de Sousa Franco de grandes aleluias. Querendo criticar o Ministro da Fazenda (não me lembra quem era) começou por afirmar que nunca tivéramos ministros da Fazenda, mas tão-somente, ministros do Tesouro. Encarecia com adjetivos: excelentes, ilustrados, conspícuos ministros do Tesouro mais da Fazenda nenhum. "Um houve, Sr. presidente, que nos deu alguma cousa do que deve ser um ministro da Fazenda: foi o nobre senador pelo Pará". E Sousa Franco sorria alegre, deleitava-se com a exceção que devia doer ao seu forte rival em finanças, Itaboraí, não passou muito tempo que não perdesse o gôsto. De outra vez, Montezuma atacava a Sousa Franco, e este novamente sorria, mas agora a expressão não era alegre, parecia rir de desdém. Montezuma empina o busto, encara-o irritado, e com a voz e o gesto intima-lhe que colha o riso; e passa a demonstrar as suas críticas, uma por uma, com esta espécie de estribilho: "Recolha o riso o nobre orador! "Tudo isto aceso e tôrvo. Sousa Franco quis resistir; mas o riso recolheu-se por si mesmo. Era então um homem magro e cansado. Gozava ainda agora a popularidade ganha na Câmara dos Deputados, anos antes, pela campanha que sustentou, sozinho e parece que enfermo, contra o Partido Conservador.

Contrastando com Sousa Franco, vinha a figura de Paranhos, alta e forte. Não é preciso dizê-lo a uma geração que o conheceu e admirou, ainda belo e robusto na velhice. Nem é preciso lembrar que era uma das primeiras vozes do Senado. Eu trazia de cor as palavras que alguém me confiou haver dito, quanto ele era simples estudante da Escola Central: "Sr. Paranhos, você ainda há de ser ministro". O estudante respondia modestamente, sorrindo; mas o profeta dos seus destinos tinha apanhado bem o valor e a direção da alma do moço.

Muitas recordações me vieram do Paranhos de então, discursos de ataque, discursos de defesa, mas, uma basta, a justificação do convênio de 20 de fevereiro. A notícia dêste ato entrou no Rio de Janeiro, como as outras desse tempo, em que não havia telégrafo. Os sucessos do exterior chegavam-nos às braçadas, por atacado, e uma batalha, uma conspiração, um ato diplomático eram conhecidos com todos os seus pormenores. Por um paquête do Sul soubemos do convênio da vila da União. O pacto foi mal recebido, fez-se uma manifestação de rua, e um grupo de populares, com três ou quatro chefes à frente, foi pedir ao governo a demissão do plenipotenciário. Paranhos foi demitido, e, aberta a sessão parlamentar, cuidou de produzir a sua defesa.

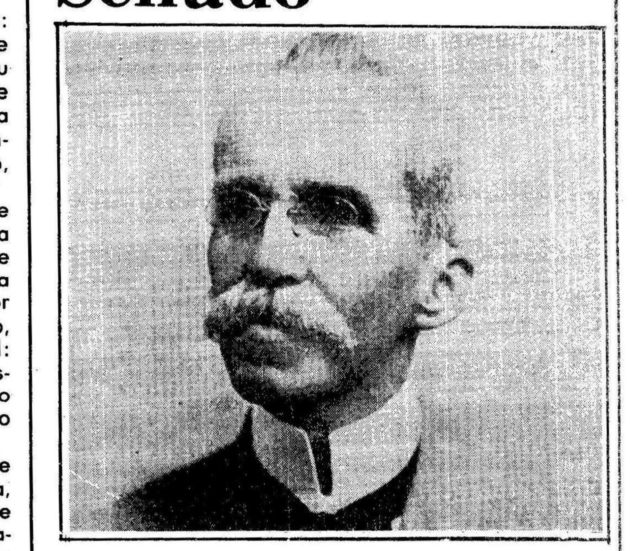
Tornei a ver aquele dia, e ainda agora me parece vê-lo. Galerias e tribunas estavam cheias de gente; ao salão do Senado foram admitidos muitos homens políticos ou simplesmente curiosos. Era uma hora da tarde quando o presidente deu a palavra ao senador por Mato Grosso; começava a discussão do voto de graças. Paranhos costumava falar com moderação e pausa; firmava os dedos, erguia-os para o gesto lento e sóbrio, ou então para chamar os punhos da camisa, e a voz ia saindo meditada e colorida. Naquele dia, porém, a ânsia de produzir a defesa era tal, que as primeiras palavras foram antes bradadas que ditas: "Não a vaidade, Sr. presidente..." Daí a um instante, a voz tornava ao diapasão habitual, e o discurso continuou como nos outros dias. Eram nove horas da noite, quando ele acabou; estava como no princípio, nenhum sinal de fadiga nele nem no auditório, que o aplaudiu. Foi uma das mais fundas impressões que me deixou a eloqüência parlamentar. A agitação passara com os sucessos, a defesa estava feita. Anos depois do ataque, esta mesma cidade aclamava o autor da lei de 28 de setembro de 1871, como uma glória nacional; e ainda depois, quando ele tornou da Europa, foi recebê-lo e conduzí-lo até à casa. Ao clarão de um belo sol, rubro de comoção, levado pelo entusiasmo público, Paranhos seguia as mesmas ruas que, anos antes, voltando do Sul, pisara sòzinho e condenado.

A visão do Senado foi-se-me assim alterando nos gestos e nas pessoas como nos dias, e sempre remota e velha: era o Senado daqueles três anos. Outras figuras vieram vindo. Além dos cardeais, os Muritibas, os Sousa e Melos, vinham os de menor graduação política. o risonho Pena Zeloso e miúdo em seus discursos, o Jobim, que falava algumas vêzes o Ribeiro, do Rio Grande do Sul, que não falava nunca, - não me lembra, ao menos. Êste, filósofo e filólofo, tinha junto a si, no tapete encostado no pé da cadeira, um exemplar do dicionário de Morais. Era comum vê-lo consultar um e outro tomo, no correr de um debate, quando ouvia algum vocábulo, que lhe parecia de incerta origem ou duvidosa aceitação. Em contraste com a abstenção dêle, eis aqui outro, Silveira da Mota, assíduo na tribuna, oposicionista por temperamento, e êste outro, D. Manuel de Assis Mascarenhas, bom exemplar da geração que acabava. Era um homenzinho seco e baixo, cara lisa, cabelo raro e branco, tenaz, um tanto impertinente, creio que desligado de partidos. Da sua tenacidade dará idéia o que lhe vi fazer em relação a um projeto de subvenção ao teatro lírico, por meio de loterias. Não era novo, continuava o de anos anteriores. D. Manuel opunha-se por todos os meios à passagem dêle, e fazia extensos discursos. A mesa, para acabar com o projeto, já o incluía entre os primeiros na ordem do dia, mas nem assim desanimava o senador. Um dia foi ele colocado antes de nenhum. D. Manuel pediu a palavra, e francamente declarou que era seu intuito falar toda a sessão; portanto, aqueles de seus colegas que tivessem algum negócio estranho e fora do Senado podiam retirar-se; não se discutiria mais nada. E falou até o fim da hora, consultando a miúdo o relógio para ver o tempo que lhe ia faltando. Naturalmente não haveria muito que dizer em tão escassa matéria, mas a resolução do orador e a liberdade do regimento davam-lhe meio de compor o discurso. Daí nascia uma infinidade de episódios, reminiscências, argumentos e explicações por exemplo, não era recente a sua aversão às loterias. vinha do tempo em que, andando a viajar, foi ter a Hamburgo; ali ofereceram-lhe com tanta instância um bilhete de loteria, que êle foi obrigado a comprar, e o bilhete saiu branco. Esta anedota era contada com tôdas as minúcias necessárias para ampliá-la. Uma parte do tempo falou sentado, e acabou diante da mesa e três ou quatro colegas. Mas, imitando assim Catão, que também falou um dia inteiro para impedir uma petição de César, foi menos feliz que o seu colega romano. César retirou a petição, e aqui as loterias passaram, não me lembra se por fadiga ou omissão de D. Manuel; anuência é que não podia ser. Tais eram os costumes do tempo.

E após ele vieram outros, e ainda outros, Sapucaí, Maranguape, Itaúna, e outros mais, até que se confundiram todos e desapareceu tudo, cousas e pessoas, como sucede às visões. Pareceu-me vê-los enfiar por um corredor escuro, cuja porta era fechada por um homem de capa preta, meias de sêda preta, calções pretos e sapatos de fivela. Êste era nada menos que o próprio porteiro do Senado, vestido segundo as praxes do tempo, nos dias de abertura e encerramento da assembléia geral. Quanta coisa obsoleta! Alguém ainda quis obstar à ação do porteiro, mas tinha o gesto tão cansado e vagaroso que não alcançou nada, aquele deu volta à chave envolveu-se na capa, saiu por uma das janelas e esvaiu-se no ar, a caminho de algum cemitério, provavelmente Se valesse a pena saber o nome do cemitério, iria eu catá-lo, mas não vale; todos os cemitérios se parecem.

De "Páginas recolhidas".

Saudades do defunto Senado



O Senado da rua do Areal deixou saudades. Ao menos em mim, que o conheci como repórter parlamentar da "Gazeta de Notícias".

O Senado da rua do Areal tinha a doce fisionomia das assembléias de família. Parecia que todos ali dentro eram parentes, mesmo quando se tratava de inimigos. Pinheiro Machado enfrentava de olhar meigo o seu demolidor conselheiro Ruy Barbosa. E tudo terminava por um café, numa saleta tranqüila, com janelas abertas para o Campo de Sant'Ana.

Nesse tempo, o ideal de todo jornalista era arranjar um emprego na secretaria do Senado. Uma vez eu também fui candidato. Criaram-se quatro lugares para quatro repórteres. Na hora da nomeação, a mesa da presidência não pode fazer nada por nós. Dentre os senadores de então, havia quatro com a seguinte necessidade humana: cada um com um filho para empregar. E, por essa razão, para os quatro lugares dos quatro repórteres foram nomeados os quatro filhos dos quatro senadores.

Em todo caso, eu gostava bem do Senado. O senador Vitorino Monteiro era malcriadíssimo e bom. Sua palavra era temida, exatamente porque não fazia economia de vocabulário rude. Dos "rapazes de jornal", o único de que ele gostava era eu. Dizia-o lá à sua maneira:

-Gente de jornal não presta. Desses salafrários que andam por aqui, o único de que eu gosto é esse coisinha aí.

Na sua boa, era um grande elogio. Fiquei com prestígio. Mas, o senador Vitorino Monteiro foi ao Rio Grande do Sul combinar o sucessor dos falecidos presidentes Rodrigues Alves e Delfim Moreira e morreu na viagem. Perdi a ocasião de ser nomeado auxiliar de consulado, ideal romanesco e sem explicação plausível.

O senador Alfredo Ellis era a figura mais simpática da casa. Erguia-se quase todos os dias na tribuna e começava sempre os seus inflamados discursos com uma evocação da campanha republicana... "Eu, que sou republicano, histórico..." E era. Tinha uma alma transparente, quase de criança. Muitas vezes fui entrevistá-lo na sua casa, perto do Largo do Machado. E era-me grato ouvir aquele varão de setenta anos, que possuía um entusiasmo sempre juvenil.

Lauro Müller palestrava com uma finura encantadora, que me fazia pensar num Machado de Assis oral, de conversa.

Felipe Schmidt era o tipo do burguês quietarrão que os azares da sorte levaram à carreira militar. Era coronel do exército, mas parecia incapaz de matar uma mosca. Foi bom que morresse antes da série de revoluções que vieram depois, porque ficaria atrapalhadíssimo.

Abdias Neves era senador pelo Piauí e por muitos anos exerceu as funções de 3º. ou 4º. secretário da Mesa. Pequenino, de fraque, com um nariz batatal muito vermelho sobrevivia à glória de ter sido o esperado contraditor de Ruy Barbosa. Sua cultura literária e jurídica tinha perdido a eficiência, ao contacto do Rio de Janeiro. Na província, fora o colosso. Embarcado para a capital com um diploma de senador, integrara-se na vida burocrática.

Porque o Senado era uma burocracia. A preocupação de cada senador era ser reeleito ao fim dos nove anos. Quase sempre, o governador do Estado vinha para o Senado e o substituído ia para a governação estadual. Surgiam complicações e a preocupação do governador passava a ser a vaga, para quando acabasse o mandato executivo na província. Tinha de pensar no sucessor e tinha de pensar na maneira de entrar no Senado. O que estava lá dentro e só entrara sob promessa de sair no momento oportuno, gostava da rua do Areal e não queria sair mais.

Fiquei sabendo uma porção de coisas a respeito de política brasileira. A idéia que eu tinha do Brasil, por isso, não me animava a permanecer no território nacional. Um cargo de auxiliar de consulado representava uma evasão, um desafôgo, um impulso para o ar livre... Depois, muitos anos depois, compreendi que é melhor a gente ficar e ajudar a atrapalhar.

Tenho saudades do Senado! Parecia uma repartição pública de gente velha. Tudo se passava com um jeito amável.

Quando havia uma lei sobre tarifas, que a Câmara dos Deputados mandara depois de muita luta nas comissões e nos corredores, os industriais apareciam pelas ante-salas, agradáveis, oportunos, pleiteando emendas. Nunca estavam de acordo. Umas indústrias brigavam com as outras, como acontecia com a fiação da lã, inimiga da importação do fio já pronto para a tecelagem.

No recinto, as sessões eram quase sempre mortas. Às duas horas começava a leitura da ata, depois de um café. Um senador por Goiaz rezava um discurso que parecia uma ladainha: ninguém ficava sabendo o que era, apesar de se ouvir de vez em quando a expressão "estrada de ferro", ou a palavra "telégrafo". Alguns senadores saíam, iam tomar novo café. Depois, outro senador pedia a palavra pela ordem e falava num artigo da Constituição. Em seguida, encerrava-se a sessão: voltava-se ao café. Pelas quatro horas da tarde, quando os pardais começavam a fazer bulha no arvoredo do Campo de Sant'Ana iam saindo os veneráveis, tomando a **limousine** particular, ou simplesmente o bonde, como acontecia com o senador Raimundo de Miranda, de Alagoas, que era paupérrimo e boêmio.

-De "Conversa Inocente", 1935.

Ribeiro Couto